

A arte no Conjunto Pedregulho sob o olhar do morador.

Mauro César de Oliveira Santos,

Débora D'Alegria, Fernanda Carvalho, Helga Santos e Irma Miriam Chugar Zubieta

LabHab/ PROARQ/ FAU – UFRJ

labhab@proarq.ufrj.br

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo mostrar como os moradores do Conjunto Pedregulho percebem a arte que nele se integra. Idealizado pela engenheira Carmen Portinho e pelo arquiteto Affonso Eduardo Reidy, o Conjunto Pedregulho é exemplar pela forma como se busca o atendimento pleno das premissas da Arquitetura Moderna. Desta forma, podemos encontrar em sua solução plástica o rebatimento das idéias da pureza dos volumes, preconizada pelo cubismo; de negação do ornamento; e da função como condicionante da forma.

A metodologia empregada para a formulação deste trabalho foi a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo, com a aplicação de entrevistas estruturadas a alguns informantes residentes no Bloco A, conhecido como minhocão. Os informantes foram selecionados segundo o critério de tempo de moradia no conjunto, sendo este maior do que 30 anos. Tendo em vista que o Bloco A teve sua ocupação iniciada no ano de 1963, e o Conjunto teve seu funcionamento pleno até meados da década de 70 (SILVA, 2006), partiu-se da hipótese de que os moradores que moram no conjunto há mais de 30 anos utilizaram-se de todos os serviços que complementariam a função da moradia conforme o idealizado no projeto original. Desta forma, esses deveriam ter uma imagem mais fiel de que o conjunto seria como um todo, inclusive, muitos deles seriam crianças que estudaram na escola, onde há painéis de grande importância artística.

A estrutura da entrevista foi elaborada previamente e teve como objetivo coletar informações sobre a história do morador. A principal questão referia-se à percepção do morador sobre o que poderia ser arte no Conjunto. Foi solicitado ao morador que ele fizesse um desenho de como o Conjunto era visto por ele.

Este artigo traz, então, um estudo sobre a solução plástica empregada Pedregulho, a relação desta solução com outras obras do arquiteto Affonso Eduardo Reidy e, por fim, como os moradores percebem arte no Conjunto.

A arte no Conjunto Pedregulho

Situado na cidade do Rio de Janeiro, o Conjunto Residencial Pedregulho foi inaugurado no ano de 1950, e tem como principal característica o fato de integrar à moradia outros serviços cotidianos, tais como educação, saúde, abastecimento de alimentos e lavanderia mecanizada. Esses serviços funcionaram plenamente até meados da década de 70, sendo paulatinamente desativados. Atualmente, os edifícios que ainda preservam o uso original – escola e complexo esportivo – não possuem o acesso exclusivo aos moradores do Conjunto, e os blocos habitacionais acabaram funcionando como edifícios autônomos, sem muita relação entre eles.

Localizados no centro do Conjunto a escola e os edifícios destinados ao lazer, possuem um rebuscado tratamento plástico, que se reflete na conjugação de abobadas com fechamentos verticais revestidos com painéis de azulejo decorados. Estes painéis de cerâmica presentes nas fachadas do ginásio e do vestiário, e também nos pilotis da escola, foram confeccionados por artistas de grande expressão, como Cândido Portinari, Anísio Medeiros e Roberto Burle Marx. Assim, os painéis cumpriam a função de integrar arte e arquitetura, bem como oferecer às crianças a oportunidade de vivenciar a arte no dia a dia. Os painéis de Portinari e Burle Marx trazem como tema brincadeiras de criança. Carmen Portinho deixou clara textualmente a importância da contribuição destes artistas, bem como a adesão dos mesmos à ideia do Conjunto, pois, segundo ela, “nenhum desses artistas cobrou sequer um centavo” (apud BONDUKI, 2000, p. 99).

Pilotis, fachadas em vidro, *Brise-soleil*, janelas dispostas na horizontal, paredes independentes do sistema estrutural, princípios de Le Corbusier, são combinados com a composição de sólidos geométricos e cascas, havendo pouca preocupação em relação à simetria. Através da utilização do concreto armado, Reidy tira partido de sua plasticidade.

As soluções plásticas empregadas no Conjunto Pedregulho estão em consonância com o repertório desenvolvido por Reidy em suas obras anteriores, nas quais já estavam presentes elementos como cascas e pilotis, além de soluções de integração entre mobiliário e arquitetura. As janelas na horizontal, por exemplo, são utilizadas pelo arquiteto no projeto para a Sede da Prefeitura do Distrito Federal, com o objetivo de se beneficiar ao máximo da iluminação natural. Essas janelas, contudo, oferecem uma “faixa” na composição da fachada, como podemos notar no Bloco B do Conjunto Pedregulho.

A composição com cascas e volumes trapezoidais já havia sido tema nos projetos do Restaurante e do Centro Comercial do Centro Técnico da Aeronáutica - CTA (1947). Esse tema foi utilizado também na resolução plástica da escola, do ginásio e dos vestiários do Conjunto. No projeto para o Alojamento de Estudantes do CTA, encontram-se duas soluções que serão empregados no projeto dos blocos habitacionais B1 e B2 do Mendes de Moraes: a paginação da fachada, intercalando-se os painéis de elementos pré-fabricados, e a caixa de escada formada por um trapezóide com uma de suas superfícies curvas, ligada ao bloco de moradias através de passarelas.

A respeito da solução plástica do Conjunto Mendes de Moraes, observa Bruand:

Cada obra é definida por um volume simples, determinado, num Conjunto nitidamente dividido em grandes categorias, onde o aspecto formal acusa a diferença de funções: o paralelepípedo é reservado aos prédios residenciais, o prisma trapezoidal, simples ou composto, aos edifícios públicos essenciais, enquanto a utilização da abóbada é limitado às construções esportivas. (BRUAND, 2002, p. 225)

Descrever a solução plástica do Conjunto Mendes de Moraes é, sem dúvida, percorrer todo o vocábulo utilizado pelos arquitetos modernos, sejam brasileiros ou estrangeiros, cujos elementos foram empregados com maestria por Reidy, tornando a obra em um todo singular, pela variedade e explosão de formas e cores.

O bloco A predomina a paisagem do Conjunto, seja por sua escala, seja por sua forma *serpenteante*, seja por sua localização no alto da colina. Em sua solução formal predomina a horizontalidade, reforçada pelos materiais que compõem a fachada frontal. Composta por painéis de madeira que se dividem em peitoril, janela e bandeira, esta fachada possui um movimento interessante destes painéis que deslizam como guilhotinas, proporcionando um efeito de opacidade e transparência intercaladas nas fachadas dos apartamentos. A movimentação destes painéis proporciona tanto a ventilação ora na altura do ocupante, ora por sobre ele, bem como a regulação da penetração da radiação solar no interior dos apartamentos. O vazio do pavimento intermediário marca a fachada do bloco, na qual mesmo com o jogo de transparências proporcionado pelos painéis em veneziana, predomina a opacidade.

A opacidade da fachada frontal não se repete na fachada dos fundos, cujo material utilizado para vedação dos corredores de acesso aos apartamentos, é constituído por elementos vazados em cerâmica vermelha, o que confere à fachada relativa transparência. Esta também apresenta as extremidades, superior e inferior do prédio e do pavimento intermediário, marcadas por material cerâmico de cor amarela. Nos dois

primeiros pavimentos o fechamento dos corredores apresenta aberturas quadradas emolduradas por concreto, intercaladas, com um movimento de *zig-zag*.

O vazio do volume representado pelo pavimento intermediário é marcado por cerâmica, bem como os extremos superior e inferior do prédio. A continuidade deste vazio é interrompido por uma série de *brises* verticais de madeira, cuja função é a de proteger os compartimentos existentes neste pavimento. Os pilotis localizados no pavimento térreo suspendem o grande e movimentado volume.



Foto 1: O Bloco A curvilíneo e o Ginásio com Painéis de Candido Portinari.

Helga Silva: 2000

Nos blocos residenciais menores não há a movimentação proporcionada pelos painéis em venezianas, como no bloco A. Sua escala também relativamente reduzida. Cada um compõe-se basicamente paralelepípedo ligado a uma torre de formas arredondadas através de passarelas. Em suas fachadas há também o uso de materiais vazados, sejam elementos cerâmicos, sejam peças pré-moldadas de concreto, que se dispõem de forma intercalada tanto na fachada frontal, quanto na dos fundos, conferindo maior dinamismo na fachada. Desta forma, na fachada frontal, os vazios se apresentam de duas maneiras: uma mais marcada consequência dos recuos que formam varandas, outra mais tímida consequência da transparência oferecida pelo elemento vazado em concreto.

A edificação destinada ao posto de saúde é composta por uma volumetria pouco recortada. Uma das fachadas laterais não possui aberturas. A outra possui pequenas aberturas e uma porta, marcada por uma marquise constituída de uma laje inclinada, apoiada em pilares, também inclinados, confeccionados com tubos de aço. A fachada frontal é composta por dois planos. O primeiro é composto por *brises* verticais em madeira, que oferecem certa transparência. No outro plano, há um vazio em cujo

fundo encontra-se o painel de azulejos confeccionado por Anísio Medeiros, com motivos de flores, coloridas com três tons de azul em fundo branco.



Foto 2: Posto de Saúde.

Fonte: BONDUKI, Nabil. Afonso Eduardo Reidy. Lisboa: Editorial Blau, 2000.

Em uma única edificação se instalariam o mercado e a lavanderia. Possuem, no entanto, uma separação física e acessos independentes. Com exceção da fachada frontal, não se nota, em nenhuma a diferença no tratamento das fachadas, entre as duas funções que ocupariam o prédio. Na fachada frontal, no entanto, há uma clara distinção entre estas duas funções, porém com uma composição equilibrada entre as duas partes. A parte onde se encontraria o mercado é simples contendo dois planos, sendo que o de maior evidencia possui painéis compostos por brises horizontais. Já na parte destinada à lavanderia, há uma maior liberdade na composição da forma, graças à intercessão de um cilindro com um plano não paralelo e recuado do alinhamento da fachada do mercado.



Foto 3: Lavanderia e Mercado (1950).

Fonte: AGCRJ

A solução plástica do conjunto formado pela escola e as edificações de recreação é a de maior movimento e graciosidade. De um lado o traço reto e duro formado pelas arestas do prisma trapezoidal, destinado à escola, desenhando um volume sóbrio, leve devido ao emprego do pilotis no térreo. Do outro lado, a composição das edificações destinadas ao lazer faz um contraponto com a escola, com formas que *brincam* em movimentos suaves, semicirculares. O contraponto também se faz presente na transparência dos painéis de fechamento da escola, em relação às paredes de fechamento opacas, porém trabalhadas por painéis dos vestiários e do ginásio.

O painel que reveste a fachada frontal do ginásio é constituído de “crianças pulando carniça” tendo, a variação cromática do azul como elemento de maior destaque. Já os vestiários possuem suas fachadas revestidas por azulejos que possuem flores como tema.



Foto 4: Painel de Roberto Burle Marx, intitulado “Brincadeiras de Criança” localizado na escola.

Helga Silva, 2000.



Foto 5: Detalhe do painel de Candido Portinari, localizado no Ginásio, que traz como tema crianças pulando carniça.

Helga Silva: 2000.

Observa-se, então, a preocupação na solução plástica do Conjunto de compor sólidos com volumes bem definidos, com linhas retas combinadas harmoniosamente com curvas; cheios e vazios bem definidos ou trabalhados com superfícies translúcidas, que oferecem rugosidade e ritmo à fachada.

A percepção da arte pelos moradores do Pedregulho

A intenção de integração entre artes e arquitetura é um das premissas da arquitetura moderna. No caso do Conjunto Pedregulho, essa integração é total, tendo em vista que a solução formal se compõe entre sólidos e painéis, sejam esses resultantes da composição entre diferentes materiais, ou do próprio ato artístico de renomados pintores. E essa integração não é gratuita! É parte de um projeto de se revolucionar a sociedade através da moradia, defendido pelos próprios arquitetos modernistas. Com isso, era de se esperar os efeitos dessa busca pela revolução cultural nos moradores do Conjunto.

Não obstante, a leitura dos moradores sobre a presença da arte no Conjunto Pedregulho acabou por ser prejudicada pela forma como o conjunto foi se fragmentando no que diz respeito à função complementar de diversos serviços à função do morar. Assim, um pequeno número de moradores entrevistados menciona os painéis presentes na escola e no complexo esportivo.

Arte só na escola...Aqui tem o prédio né, que infelizmente tá maltratado né. Mas o prédio tem a arquitetura elogiada né, vem de vários lugares aqui estrangeiros pra ver né. Por causa da forma do prédio e também a... como se diz... a estrutura do prédio. (depoimento de morador)

Os moradores já estão familiarizados com a constante visita de estudantes e arquitetos de diferentes partes do mundo, o que os faz pensar que moram em um lugar importante. Um deles arrisca: “Isso aqui quem fez foi o Niemeyer né?”, aliando as informações que possui, um arquiteto renomado e um importante conjunto.

A constante reclamação dos moradores do Pedregulho, com relação ao estado de deterioração no qual o conjunto se encontra, é presente nos relatos, e isso sugere que há uma percepção dos demais edifícios pertencentes a ele:

Vejo [arte], tem aqui no prédio destruído, né? Era aqui o posto. Na Lopes Trovão... Arquitetura moderna, né? O prédio foi premiado na França, né? Tem muito turista por aqui. (Depoimento do morador)

Os moradores encontram arte no desenho do próprio Bloco A, onde residem. Este fato se confirma tanto nos desenhos feitos pelos eles, que retratam o Conjunto como sendo o próprio Bloco A, quanto nas respostas referentes à identificação do que seria arte presente no Conjunto. E é isso que se observa nas respostas. A arquitetura é o que prevalece enquanto arte. O que de certa forma, atende ao que os modernistas

pretendiam enquanto síntese. Na fala dos moradores, emerge o grande e curvo edifício:

Ah, o prédio né, é uma arte. Esse prédio todo já é uma arte né. A forma, essa estrutura dele, esses tijolos, tá entendendo, cobogó, acho tudo muito bonito. (Depoimento do Morador).

A associação direta entre arte e beleza presente na fala deste morador encontra eco nos escritos de Le Corbusier, principal referência na concepção do Conjunto. Segundo o arquiteto a beleza deveria estar presente na casa do operário (CORBUSIER, 1996). E o julgamento estético feito pelos modernistas, tendo a negação do ornamento como principal vertente, foi de certa forma, assimilado pelos moradores. Fato curioso foi, contudo, a união entre os moradores que se cotizaram, em meados da década de 70, e pagaram para que se fizesse ao redor das luminárias decorações com motivos florais em gesso.

Nos desenhos feitos pelos moradores pudemos perceber claramente a dominância do Bloco A como sendo a representação do Conjunto. Em um dos desenhos, o único que o morador optou por representar com cores, está presente a piscina. Não foram representados os demais edifícios.

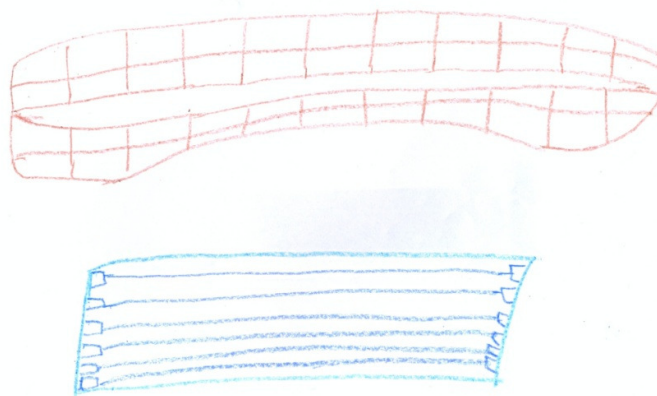


Figura 1: Desenho do morador, representando o Bloco A e a piscina.

É possível observar nos desenhos a predominância de dois elementos: a modulação e a curva. A presença da curva é notada pelo desenho distorcido do grande bloco. Mas

a modulação é presente na marcação ritmada dos traços horizontais e verticais do desenho. É interessante notar que essa modulação, em um dos desenhos, parece direcionar a disposição das árvores também de forma ritmada.

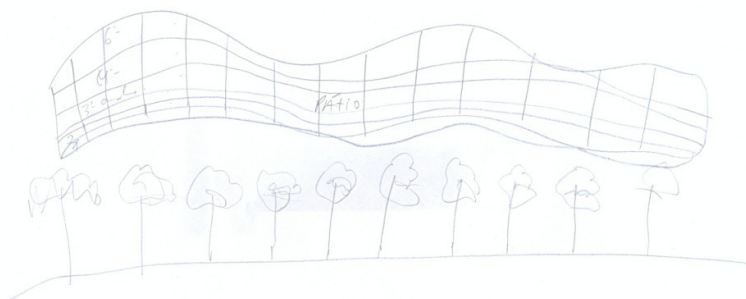


Figura 2: Desenho do morador mostrando o ritmo que "dita" a disposição das árvores.

Interessantes são as presenças de outros elementos. O número dos pavimentos é sempre apontado. O vazio que marca o pavimento intermediário do edifício está sempre presente. O edifício foi representado pelas suas fachadas frontal e de fundos. Nesta fachada, houve a representação das aberturas presentes nos cobogós.

Algumas Considerações

A pesquisa realizada pôde trazer à luz a percepção de uma camada da população do Conjunto Pedregulho sobre a presença da arte no mesmo. Esta camada, é a mais antiga do Bloco A, e portanto, a que melhor vivenciou o funcionamento pleno dos edifícios. Cabe ressaltar, contudo, que a forma de abordagem por estratos populacionais, conforme feito nesta pesquisa, guarda o inconveniente de não poder representar a visão da totalidade da população. Portanto, o resultado aqui apresentado é válido apenas para uma parcela da população, cabendo, em estudos futuros, o englobamento de outras camadas populacionais, incluindo os demais blocos habitacionais.

No universo estudado, pode-se considerar que não há uma percepção da arte no conjunto como um todo, pois a maior parte dos moradores mencionou apenas o prédio onde mora. Com isso os elementos artísticos como os murais de Portinari, Anísio Medeiros e Burle Marx presentes na escola e no complexo esportivo acabam por não serem mencionados.

Cabe salientar que o morador reconhece a importância do edifício onde reside no cenário artístico, tendo em vista a frequência com que há visitas de estudantes e profissionais. Nos desenhos, elementos que compõem a arquitetura são sempre salientados, sendo eles ritmos, cheios e vazios. Há um reconhecimento do valor artístico da arquitetura enquanto arte.

Referências Bibliográficas

BONDUKI, Nabil (Org.). **Afonso Eduardo Reidy**. Lisboa: Editorial Blau, 2000.

BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002. 399 p.

CORBUSIER, Le. **A Arte Decorativa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FRAMPTON, Kenneth. **História Crítica da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 470 p.

SILVA, Helga Santos da. **Arquitetura Moderna para Habitação Popular: A apropriação dos espaços no Conjunto Residencial Prefeito Mendes de Moraes (Pedregulho)**. Dissertação (mestrado em arquitetura) – PROARQ/ FAU/ UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.